

A VIABILIDADE DO USO DE PRONOMES NEUTROS: UMA ANÁLISE HUMBOLDTIANA DE VÍDEOS ONLINE NO BRASIL

THE FEASIBILITY OF USING NEUTRAL PRONOUNS: A HUMBOLDTIAN ANALYSIS IN ONLINE VIDEOS IN BRAZIL

HELTON RAFAEL FERREIRA DO NASCIMENTO

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). helton.rafael@gmail.ufpe.br

JHUCYANE PIRES RODRIGUES

Pós-graduanda (lato sensu) em Linguagem em Práticas Sociais pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). jhucyanep.rodrigues@gmail.com.

RESUMO

Este estudo parte da premissa de que os elementos linguísticos constituem um organismo dinâmico e adaptável. A nossa escolha do tema foi motivada pela emergente utilização de pronomes neutros na contemporaneidade, especialmente em ambientes acadêmicos e nos ciberespaços. Ao revisarmos a literatura brasileira, identificamos lacunas bibliográficas, conceituais e de contradições, que fundamentaram o desenvolvimento desta pesquisa. Nesse contexto, nosso objetivo é investigar, sob a perspectiva linguística humboldtiana, a resistência e dinâmica evolutiva da língua diante da introdução de pronomes neutros no Brasil, considerando as implicações do contexto patriarcal e das relações de poder vinculadas ao binarismo de gênero. Para compreendermos as complexidades do gênero binário e orientar estratégias de acessibilidade, enfatizamos a importância de expandir discussões sobre valores sociais em contextos educacionais, onde práticas pedagógicas devem fomentar a inclusão social. A metodologia adotada neste estudo, consiste na análise discursiva humboldtiana, utilizando recortes de falas em vídeos disponíveis no YouTube, empregando uma abordagem qualitativa de caráter exploratório. Ao empregarmos a problemática central desta pesquisa – a configuração da viabilidade do uso de pronomes neutros por meio de práticas linguísticas no contexto brasileiro –, nossas conclusões apontaram para uma dicotomia na aceitação desses pronomes, evidenciando a necessidade promover padrões normativos para uma comunicação mais inclusiva.

Palavras-chave: Binarismo; Comunicação Informal; Pronomes Neutros; Perspectiva Humboldtiana.

ABSTRACT

This study starts from the premise that linguistic elements constitute a dynamic and adaptable organism. The choice of the theme was motivated by the emerging use of neutral pronouns in contemporary times, especially in academic settings and cyberspaces. Upon reviewing Brazilian literature, we identified bibliographical, conceptual, and contradictory gaps that underpinned the development of the research. In this context, our objective is to investigate, from the Humboldtian linguistic perspective, the resistance and evolutionary dynamics of language in the face of the introduction of neutral pronouns in Brazil, considering the implications of the patriarchal context and power relations linked to gender binarism. To comprehend the complexities of gender binarism and guide accessibility strategies, we emphasize the importance of expanding discussions on social values in educational contexts, where pedagogical practices should foster social inclusion. The methodology employed in this study involves Humboldtian discursive analysis, using excerpts from speeches in videos available on YouTube, employing a qualitative exploratory approach. By addressing the central issue of this research—the configuration of the viability of using neutral pronouns through linguistic practices in the Brazilian context—our conclusions pointed to a dichotomy in the acceptance of these pronouns, highlighting the need to promote normative standards for more inclusive communication.

Keywords: Binarism; Humboldtian Perspective; Informal Communication; Neutral Pronouns.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 REFERENCIAL TEÓRICO; 1.1 O binário e as relações de poder; 1.2 O pronome neutro; 2 A PERSPECTIVA HUMBOLDTIANA SOBRE A LINGUÍSTICA; 3 METODOLOGIA; 3.1 Apresentação e análise dos dados; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

Partindo da premissa de que os elementos linguísticos funcionam como um organismo vivo e adaptável, esta pesquisa busca compreender a abordagem dada ao uso de pronomes neutros na comunicação informal (tanto escrita quanto verbal), a partir de estudos que enfatizam a relevância do emprego desses pronomes como meio inclusivo para pessoas que não se identificam com o gênero binário. A escolha do tema foi motivada pela emergente utilização de pronomes neutros na contemporaneidade, especialmente em ambientes acadêmicos e nos ciberespaços.

Diante dessa perspectiva, em consulta à literatura linguística brasileira, vislumbramos que esta apresenta lacunas em termos bibliográficos, contextuais e de contradição, no que diz respeito à linguagem e comunicação neutra. Assim, a condução de pesquisas que abrangem essas lacunas específicas, será fundamental para a compreensão das maneiras pelas quais os comportamentos cultural e socialmente construídos contribuem para a prevalência de uma comunicação não inclusiva a partir das relações de poder que permeiam o binarismo na contemporaneidade (Covas, Bergamini, 2021; Cardoso; Porto, 2022).

Neste cenário, análises linguísticas como as desenvolvidas no estudo de Cardoso e Porto (2022), destacam a necessidade de considerarmos as complexas relações de poder subjacentes à fixação da identidade e à formação subjetiva dos indivíduos em suas experiências, especialmente ao abordar as questões pertinentes ao gênero não binário.

Do exposto, trazemos como objetivo de pesquisa, compreender, sob a perspectiva linguística humboldtiana, a resistência e dinâmica evolutiva da língua diante da introdução de pronomes neutros no cenário brasileiro, considerando as implicações patriarcais e do machismo estrutural que reverberam nas relações de poder vinculadas a construção do

binarismo enquanto gênero discursivo predominante. Com isso, esperamos ampliar a compreensão dos nossos leitores sobre a linguagem enquanto organismo vivo, adaptável e criativo, a partir da influência das práticas linguísticas contemporâneas na transformação da língua, especialmente nas interações cotidianas.

Por conseguinte, para melhor entendermos as questões estruturais do gênero binário e para direcionarmos mecanismos de acessibilidade de sujeitos que não se identificam com gênero binário, se faz necessário expandir estratégica e globalmente as discussões sobre valores sociais, crenças e comportamentos, essencialmente em ambientes de formação cidadã, onde as práticas pedagógicas devem incidir sobre a inclusão social (Silva; Carvalho; Santos, 2021). Sobre essas práticas pedagógicas, percebemos, na contemporaneidade, haver uma preocupação de pesquisadores brasileiros, como Lau, Sanches (2019), Silva, Carvalho, Santos (2021) e Magalhães, Cardoso, Porto (2022) (a partir da flexão da língua portuguesa), a viabilidade para a inclusão de pronomes neutros na comunicação informal oral e escrita.

Acerca desta viabilidade, trazemos como base fundante o pensamento de Schlegel, que em suas análises em 1808, já havia constatado a existência dois tipos preponderantes que compõem a formação linguística: a língua orgânica e a mecânica. Para Schlegel, as línguas orgânicas são aquelas que evoluem ao longo do tempo, adaptando-se às necessidades de seus falantes, caracterizadas pela fluidez, flexibilidade e pela ausência de regras rígidas. Estas são mais expressivas, capazes de transmitir as complexidades do pensamento e da emoção humanos. Em contrapartida, as linguagens mecânicas são construídas artificialmente, fundamentadas em regras e estruturas fixas. Schlegel (1808) as via como rígidas, limitadas e carentes de criatividade, considerando-as inadequadas para captar as nuances da experiência humana e incapazes de se adaptar às mudanças nas necessidades de seus falantes. -- Vislumbramos aqui, uma predisposição da linguagem (enquanto elemento orgânico), em se adaptar às necessidades de seus falantes em diferentes contextos culturais e cronológicos.

A partir dessa concepção, Humboldt (1990-1991), influenciado por Schlegel, oferece uma contribuição crítica para os estudos da linguística, introduzindo uma nova forma de conceber as interações entre pensamento, razão e linguagem. Isso transcende a visão convencional de considerar a linguagem meramente como uma ferramenta do

pensamento. Ao contemplarmos a linguagem como um elemento constitutivo do pensamento e do conhecimento, ela se revela capaz de proporcionar tanto a objetividade da experiência quanto a intersubjetividade da comunicação. Schlegel (1808) e Humboldt (1990-1991) foram fundamentais para solidificar a ideia de que a linguagem representa um aspecto essencial de uma cultura, atuando como um reflexo dos valores e crenças das pessoas que a empregam.

Com base no exposto, nossa indagação central de pesquisa visa compreender, sob a perspectiva linguística de Alexander von Humboldt, como se configura a viabilidade do emprego de pronomes neutros por meio de práticas linguísticas no contexto brasileiro? Ao adotarmos a visão humboldtiana, que concebe a língua como um organismo vivo e adaptável. Entendemos que a resistência à inclusão de pronomes e comunicação neutra pode ser interpretada como uma afronta a uma estrutura linguística patriarcal e excludente, contudo, a dinâmica evolutiva da língua é inexorável. Logo, a aceitação progressiva desses termos na comunicação informal representa uma resposta positiva à crescente valorização da diversidade de gênero.

No que diz respeito às metodologias utilizadas no desenvolvimento desta análise, decidimos empregar a análise discursiva sob a perspectiva humboldtiana para aprofundar a análise dos dados. Quanto aos objetivos propostos, este estudo assume um caráter exploratório, buscando investigar e interpretar os significados presentes nas narrativas dos participantes por meio de seus relatos. A coleta de dados e a constituição do corpus serão realizadas mediante recortes de falas disponíveis publicamente na plataforma de streaming de áudio e vídeo, Youtube. No âmbito dos procedimentos, adotamos uma abordagem qualitativa.

Com relação aos principais achados desta pesquisa, concluímos haver uma dicotomia na viabilidade dos pronomes neutros, destacando desafios e a necessidade de normatização. Por conseguinte, a linguagem neutra, reflexo da adaptabilidade linguística, busca inclusão na diversidade contemporânea. Nesse contexto, a resistência à inserção gramatical evidencia a urgência de normas, enquanto reflexões acadêmicas apontam para práticas linguísticas mais inclusivas.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O binário e as relações de poder

Iniciaremos esta seção com uma breve reflexão sobre a estruturação do gênero binário, influenciada pela cultura europeia, burguesa, patriarcal e judaico-cristã. Este sistema, marcado pela redução dos indivíduos a categorias binárias (homem/mulher), é, segundo Borrillo (2010) e Leivas (2020), fortemente biologizado em prol de interesses econômicos. À vista disso, uma importante reflexão que trazemos à baila, é se a genitália é, de fato, o único marcador determinante da sexualidade e construção de gênero?

Corroborando com essa reflexão, o pensamento de Judith Butler (2012) que evidencia que a construção da sexualidade desejável é influenciada por normas culturais, desmistificando a ideia de uma sexualidade natural. Butler argumenta que nossos desejos e comportamentos são moldados por normas culturais e reforçados por meio da repetição. Logo, a noção de uma sexualidade natural serve, assim, para justificar normas opressivas e hierarquias sociais.

Butler (2012) desafia a concepção do gênero como uma característica fixa e biologicamente determinada. Ela propõe que o gênero seja uma performance moldada por normas e expectativas culturais, reforçada por dinâmicas hierárquicas de poder. Onde, o sistema de gênero binário, segundo ela, é uma construção cultural mantida por meio da repetição de normas sociais, em que a masculinidade é privilegiada em relação à feminilidade.

Assim, o binarismo, para Butler (2012), não é apenas uma questão de identidade individual, mas um sistema de poder e controle, em que as relações simbólicas de poder associadas ao gênero são usadas para manter normas e hierarquias sociais, silenciando indivíduos com identidades não binárias. Isto é, a dinâmica entre os marcadores de gênero é caracterizada por relações de poder que buscam impor limites ao comportamento considerado aceitável segundo o gênero percebido. Butler (2017) e Rancière (2009) sustentam a visão de que toda representação de gênero é intrinsecamente política, carregando consigo uma carga ideológica. Com efeito, a concepção de gênero neutro é, assim,

desmistificada por esses autores, que a enxergam como um mito perpetuado pelos detentores do poder para preservar sua hegemonia.

Dessa forma, as dinâmicas simbólicas de poder não se limitam apenas ao contexto social mais amplo, mas também permeiam o âmbito familiar. Dentro dessa instituição, o poder repressivo exercido pelos pais desempenha um papel crucial na imposição e normalização do binarismo de gênero, reduzindo os indivíduos a meras representações de suas genitálias. Nesse cenário, a perspectiva de Foucault (1998) ganha relevância ao evidenciar o papel desse tipo de poder familiar, que não apenas categoriza os indivíduos, mas também os fixa em identidades pré-estabelecidas.

Sob uma perspectiva econômica, o Grupo de Pesquisa Organização e Práxis Libertadora (2014) introduz uma visão abrangente da interseccionalidade de gêneros não binários, destacando que a simplificação ao binarismo, sob a ótica capitalista, resulta na perpetuação da subordinação e controle, confinando os indivíduos em uma "gaiola de ferro". Esse conceito, cunhado por Weber para descrever as rotinas das sociedades capitalistas, é marcado pelo predomínio da racionalidade e heterogestão, limitando a manifestação da unidade interseccional.

Diante do exposto, evidenciamos a importância de aprofundar as discussões acerca da comunicação neutra, especialmente em ambientes educacionais, onde as interações sociais desempenham um papel fundamental na formação de percepções e atitudes individuais. Nesse contexto, as conversas pedagógicas sobre a comunicação neutra adquirem uma relevância crucial, pois são essenciais para fomentar ambientes mais inclusivos e propícios ao respeito pelas identidades individuais. Ignorar essa relevância das identidades não binárias apenas fortalece a perpetuação do binarismo como uma norma dominante e excludente.

Portanto, é imperativo que eventuais pesquisas desenvolvidas com o propósito similar ao deste estudo, compreendam a importância da introdução de pronomes neutros na comunicação brasileira, considerando esta, uma lacuna metodológica a ser preenchida. Assim, a realização de novas análises nesse sentido nos proporcionará insights valiosos sobre como as práticas linguísticas influenciam a inclusão de pronomes pessoais e indefinidos em uma comunicação não binária. Essas reflexões são fundamentais tanto no

cenário informal quanto em potenciais reformulações gramaticais mais inclusivas, visando contribuir para uma sociedade mais respeitosa e igualitária.

1.2 O pronome neutro

A preocupação sobre a natureza da língua, seus aspectos e origens remonta a períodos remotos, no qual destacamos o período renascentista, em que os documentos foram compilados e posteriormente utilizados para estudos comparados das línguas (Jourdain 1916). Essa relação intrínseca entre o desenvolvimento da linguagem e a história é evidente, dividindo-se a ciência linguística em dois campos: a linguagem como meio para compreender o espírito, abordada pela filologia, que se concentra na produção literária dos povos; e a linguagem enquanto objeto, explorada pela linguística, que busca delimitar e identificar as leis linguísticas, equiparando-as a leis naturais (Schlegel, 1808).

Schlegel (1808) delineou dois tipos fundamentais na estrutura das línguas: as línguas mecânicas e as orgânicas. Para Schlegel, a linguagem enquanto meio mecânico de comunicação é carente de criatividade e expressão individual, enquanto a verdadeira expressão artística e literária só pode ser alcançada por meio de uma linguagem orgânica, flexível e intuitiva. As línguas orgânicas, ainda segundo Schlegel (1808), possuem a capacidade intrínseca de transformação, ao passo que as mecânicas carecem desse dinamismo. Considerando que línguas de origem latina (como o português), em suas estruturas gramaticais, podem ser configuradas como orgânicas, podemos perceber uma capacidade intrínseca de transformação que influencia as relações entre pensamento, razão e linguagem (Humboldt, 1990-1991).

Na contemporaneidade, movimentos sociais, como o feminismo, questionam o uso genérico de pronomes masculinos para se referir às pessoas no geral (Carvalho; Silva, 2019). Nesse âmbito, a estrutura gramatical ocidental, em regra, contextualmente, reflete sociedades machistas e misóginas, com conjugações gramaticais e pronomes de tratamento que reforçam a desigualdade de gênero (Pacheco; Barboza; Meira 2021).

Autores como Carvalho (2018), Lau, Sanches (2019), Covas, Bergamini (2021) destacam a emergência de se incorporar a linguagem neutra na comunicação em suas diversas manifestações. No entanto, a introdução inclusiva dessa linguagem em sociedades

com tendências patriarcais e inclinações machistas e sexistas, encontra resistência político-ideológica e religiosa, o que resulta em obstáculos na sua aplicação.

Assim sendo, a língua, enquanto prática social, mostra-se para nós impregnada de sentidos e funções ideológicas que culminam em intrincadas relações de poder. Este contexto resultou na marcação de gênero na língua portuguesa, tornando-se objeto de debates acadêmicos no âmbito da linguística. Estes debates são alimentados pela ausência de normas e legislações que delineiam quais elementos são apropriados na comunicação não binária e não sexista, exemplificado pelo uso dos pronomes indefinidos "tod@s", "todxs" e "todes". Autores como Lau (2015) e Gomes (2023), destacam a necessidade premente do emprego do pronome indefinido "todes" para assegurar uma inclusão mais abrangente. Entretanto, na literatura nacional, subsiste uma falta de consenso nos estudos acerca de qual destes pronomes efetivamente garante uma representatividade mais ampla.

Em suma, ao considerarmos a língua como um elemento vivo e orgânico, os estudos como o de Chomsky (1986), destacam que ela passou por alterações em diversos estágios históricos, sendo a gramática, portanto, um reflexo dessas adaptações necessárias à sociedade. Essas práticas significativas, propostas por Pacheco, Barboza e Meira (2021), evidenciam a capacidade da língua em reconfigurar-se constantemente, ajustando-se às demandas em evolução das relações sociais. Assim, essa abordagem integrativa e inclusiva busca não apenas refletir as mudanças sociais, mas também impulsionar uma transformação ativa na linguagem para promover a igualdade e a inclusão de identidades não binárias.

2 A PERSPECTIVA HUMBOLDTIANA SOBRE A LINGUÍSTICA

A perspectiva linguística de Humboldt (1990-1991) fornece uma base essencial para esta análise, a partir das interconexões entre pensamento, razão e linguagem. Em contraposição à visão predominante que considera a linguagem como mero instrumento do pensamento, Humboldt destaca seu papel constitutivo tanto no processo de pensamento quanto na aquisição de conhecimento, viabilizando a objetividade e intersubjetividade da linguagem. Essa concepção exerceu uma influência marcante sobre a linguística estrutural, a

linguística cultural e a linguística cognitiva, moldando suas abordagens e contribuindo para a compreensão mais profunda das complexidades linguísticas.

Na linguística estrutural, a visão de Humboldt sobre a relação entre linguagem e pensamento contribuiu para a abordagem estruturalista, destacando análises formais e funcionais da estrutura interna das línguas. Já na perspectiva linguística cultural, a ideia de Humboldt de que a língua reflete o espírito das nações influenciou estudos sobre como a linguagem molda e é moldada pelas características culturais. Na linguística cognitiva, a perspectiva humboldtiana contribuiu para a compreensão das relações entre linguagem, cognição e percepção, examinando como a linguagem reflete e influencia processos mentais.

Considerando estas três conjunturas, podemos vislumbrar que a linguagem não é simplesmente um produto estático, mas sim, um instrumento que interage semanticamente e pragmaticamente, gerando novos conceitos e conteúdos que tornam o mundo acessível (Segatto, 2009). Logo, a identidade da língua, para Humboldt, se desenvolve como “um organismo vivo”, que se destaca a partir da diversidade linguística existente; este é um ponto central na visão humboldtiana, sendo crucial para a expressão única da cultura humana e do desenvolvimento intelectual. Assim, a linguagem torna-se parte integrante da experiência humana, influenciando pensamentos, sentimentos e a compreensão do mundo.

Entretanto, apesar de diferenças morfológicas entre línguas, não se pode avaliar uma língua com base na capacidade de quem não foi exclusivamente formado nela (Humboldt, 1990-1991). Cada língua, portanto, sendo um instrumento inerte e passivo, possui potencial para um uso mais aprimorado. Assim, as relações gramaticais dependem da intenção associada a elas, não permitindo uma uniformidade naturalmente determinada em seu desenvolvimento, seja para uma nação específica ou para várias nações.

Não obstante, consideramos que o pensamento de Humboldt desempenha um papel crucial ao abordarmos as resistências à integração de pronomes neutros na língua portuguesa, especialmente diante das lacunas teórico-metodológicas e conceituais presentes na literatura, assim como no contexto da empiria linguística e filosófica (oral/cotidiana) que molda a transformação da língua. Assim, Humboldt, ao conceber a linguagem como um fenômeno ativo e criativo em constante evolução, destaca sua dualidade, sendo tanto

produzida pelo indivíduo quanto um elemento constitutivo, influenciando sua perspectiva de mundo e interações sociais.

Ainda no cerne da resistência à inclusão de pronomes neutros, interpretamos tal oposição como uma defesa da ordem linguística patriarcal, fundamentada no sexismo e misoginia, percebida por alguns como mantenedora da coerência e estabilidade da língua. No entanto, Humboldt desafia essa visão ao conceber a língua como um organismo vivo, adaptável às necessidades dos falantes. Assim, a introdução de pronomes neutros pode ser compreendida como uma reflexão das transformações sociais e culturais na sociedade brasileira.

Em suma, ao considerarmos a inclusão de pronomes neutros enquanto instrumento de comunicação não binária, partimos do entendimento de que tem havido um aumento significativo de seu uso na internet e nas mídias sociais, indicando uma aceitação e incorporação gradual desses termos na comunicação informal quotidiana. Além disso, o surgimento de novos termos e expressões que refletem a diversidade de gênero, o que evidencia uma resposta dinâmica da língua às mudanças sociais. Destarte, as pessoas que utilizam pronomes neutros em suas conversas e interações diárias, estão, de fato, moldando a linguagem para representar de maneira mais abrangente a diversidade da sociedade contemporânea. Essas evidências fortalecem o pressuposto de que as práticas linguísticas exercem um papel significativo na dinâmica evolutiva da língua.

3 METODOLOGIA

No que concerne à classificação segundo os objetivos, a metodologia empregada nesta investigação está estruturada na dimensão epistemológica exploratória, fundamentada na intenção de interpretar o significado das narrativas dos sujeitos da pesquisa, em consonância, com o referencial teórico-metodológico de Humboldt (1990-1991) no campo da linguística.

Quanto aos procedimentos metodológicos, estes, estão orientados para uma abordagem qualitativa, uma vez que a técnica utilizada para a análise dos dados é a análise do discurso. No que se refere aos procedimentos técnicos para a análise dos dados, adotamos a codificação a partir do recorte das falas dos sujeitos de pesquisa, buscando a interpretação

dos dados sob a perspectiva epistemológica do interpretativismo. Por conseguinte, a dimensão técnica da pesquisa se desenvolveu pela utilização de diferentes tipos de dados, abrangendo texto, imagem e som, a partir da compreensão das narrativas dos participantes da pesquisa.

3.1 Apresentação e análise dos dados

No que diz respeito aos critérios de inclusão dos extratos a seguir, utilizamos a palavra-chave "pronomes neutros" como instrumento de busca. Ao construirmos o corpus, levamos em consideração a relevância, audiência e engajamento do material disponível na plataforma de streaming de vídeos YouTube, alinhando-os aos nossos interesses de pesquisa. Esse procedimento conduziu à seleção e análise de três vídeos.

Visando atingir o objetivo deste estudo, destacamos a importância de examinar as percepções dos indivíduos nos ciberespaços, uma vez que os discursos destes indivíduos desempenham um papel significativo na compreensão de como as pessoas interagem, acessam informações e tomam decisões. Portanto, os ciberespaços proporcionam uma visão de fenômenos complexos e emergentes, como as questões de gênero e o uso de pronomes neutros.

A seguir, apresentaremos nosso primeiro segmento de fala e, posteriormente, realizaremos uma análise sob a ótica linguística humboldtiana da narrativa em destaque, visando refutar os dados apresentados. No início do primeiro trecho, a sujeita (#S1) de pesquisa inicia seu discurso afirmando que:

[...] Existe uma coisa chamada de língua portuguesa padrão, que é a parte técnica, que é a parte do estudo da língua, e existe uma coisa social que existe: a nossa língua social. Aí quando eu falo em liguem social, a gente vai entrar nos grupos sociais, aí, por exemplo: se você faz parte do grupo dos boleiros, tem a linguagem que é a linguagem falada entre eles ali, os termos que eles usam, assim acontece também com a galera que é do pagode, do surfe... os grupos sociais todos têm a sua maneira de se comunicação (Borges, 2021).

Ao afirmar que "existe uma coisa chamada língua portuguesa padrão, que é a parte técnica, que é a parte do estudo da língua, e existe uma coisa social que existe: a nossa língua

social", alinhando-nos a essa perspectiva e fundamentando-nos na visão de Humboldt, percebemos a existência de diversas línguas em diferentes nações. Cada nação interpreta seu entorno de maneira única, refletindo objetos e fenômenos característicos de cada localidade. Isso se manifesta por meio de diferentes palavras e situações para se referir ao mesmo fenômeno, indicando não uma diferença lexical, mas uma diversidade conceitual. Nesse contexto, o interlocutor continua a sua concepção, afirmando: "quando eu falo em linguagem social, a gente vai entrar nos grupos sociais, por exemplo: se você faz parte do grupo dos boleiros, há uma linguagem específica falada entre eles". Podemos correlacionar essa visão ao entendimento de Humboldt (1990-1991), que argumenta que a língua não renuncia às indicações gramaticais, mas tampouco consegue produzi-las com pureza, muitas vezes distorcendo sua essência intrínseca.

A seguir, #S1 continua seu raciocínio mostrando que:

Então são duas coisas separadas: existe a linguagem falada entre a galera e existe o estudo da língua padrão. Quando eu falo do estudo da língua padrão, estou falando da linguística e, tem muita gente que esquece que a língua é uma ciência, sendo ciência, existem pessoas que estudam a língua [...] este estudo é baseado em anos de estudo e naquilo que acontece hoje, assim, a gente tem a língua de hoje formada por uma estrutura de anos [...] aí muita gente fala: — pô, a língua portuguesa foi se transformando ao longo do tempo. — verdade! Uma transformação natural e orgânica. Posto que, a língua portuguesa, qualquer língua, é uma língua viva, é por isso que ela se transforma de acordo com o falante. E quando chega nos tempos de hoje, aí as pessoas falam: — é por isso que agora vai mudar pra isso. Não. Calma. Uma coisa é uma transformação da língua, orgânica, natural. Outra coisa é uma transformação artificial, uma mudança imposta (Borges, 2021).

No trecho anterior, #S1 destaca que a língua portuguesa, qualquer língua, é uma língua viva, e é por isso que ela se transforma segundo o falante. E quando chega nos tempos de hoje, as pessoas dizem: é por isso que agora vai mudar para isso. Não. Calma. Uma coisa é uma transformação da língua, orgânica, natural. Outra coisa é uma transformação artificial, uma mudança imposta." À luz do pensamento humboldtiano, essa afirmação está consonante com a visão de Humboldt, que divide as línguas em duas categorias principais: as orgânicas e as mecânicas. Nas línguas orgânicas, existe uma capacidade intrínseca de transformação, ao passo que nas línguas mecânicas, essa capacidade de mudança é limitada, considerando a natureza das raízes linguísticas, que conferem uma plasticidade às palavras (nos caracteres

de palavras, afixos, sufixos, prefixos... que imprimem uma maleabilidade intrínseca às palavras) (Humboldt, 1990-1991).

Na sequência, #S1 segue seu raciocínio dizendo que:

Então quando a gente fala de uma linguagem neutra, que é uma linguagem falada por um grupo social, e aí eu quero separar bem aqui, a bandeira de olha, a gente quer ser ouvido, esse é válida pra caramba, toda bandeira de minorias são válidas, precisa-se olhar pra as pessoas e dar voz pras pessoas; então ok a bandeira. Mas eu não posso falar assim: olha, vamos enfiar goela abaixo isso aqui, de forma artificial. Artificialmente não funciona. Então a língua vai se transformar de forma orgânica. Até onde ela chegou aqui, foi de forma orgânica. Essa linguagem aqui, ela é uma linguagem artificial. [...] A gente não pode mudar a estrutura da língua, pensa num prédio, se eu tirar as estruturas de um prédio, ele rue, ele não fica em pé. E a língua também é assim, ela tem uma estrutura, essa estrutura é a gramática, é a norma padrão, vamos dizer assim, é aquilo que nós temos até aqui, que foi essa estrutura que eu contei agora nessa historinha toda. E isso não tem como tirar os pilares agora e colocar um outro tijolo que apareceu agora, não dá pra acontecer, então assim, eu preciso entender o estudo, eu preciso entender de língua portuguesa pra poder falar de língua portuguesa, mas se eu não conheço a língua não posso falar (Borges, 2021).

No trecho anteriormente mencionado, ao afirmar que "uma coisa é uma transformação da língua, orgânica, natural. Outra coisa é uma transformação artificial, uma mudança imposta", o foco da pesquisa indica a existência de uma transformação na língua portuguesa, imposta pela adoção da linguagem neutra. No entanto, segundo Humboldt (1990-1991), que argumenta que a linguagem não é meramente um meio de comunicação, mas sim uma parte integral da consciência humana e da expressão cultural, podemos inferir que a linguagem atua como uma ferramenta que possibilita a criação e a moldagem da cultura humana. Isso inclui aspectos das relações sociais, como aquelas relacionadas ao binarismo de gênero.

Dessa forma, percebemos que a linguagem desempenha um papel fundamental na formação da nossa compreensão de gênero e dos papéis associados a ele. Portanto, o uso da linguagem neutra em relação ao gênero pode desempenhar um papel significativo na quebra de estereótipos fundamentados no modelo binário de gênero, promovendo, assim, a igualdade entre os indivíduos de gênero neutro.

No próximo discurso, o sujeito (#S2) começa sua narrativa argumentando que:

[...] Eu acho assim: nós precisamos tomar cuidado quando dizemos que somos contrários a linguagem neutra, porque uma coisa é você ser contrário à existência da linguagem neutra, outra coisa é você ser contrário ao ensino regular da linguagem neutra. Então eu vou falar do meu ponto de vista, como pesquisador, como linguista especificamente. Como linguista, não é cabível que se pretenda colocar em um programa letivo a linguagem neutra de gênero, por diversas justificativas, a primeira: ela não está definida, sabe, ela não está fechada, é o sistema hilo, é o sistema elex, é o sistema arroba, é o que? Qual sistema será usado? Então tem que primeiro pensar qual é o sistema para depois ensinar (Jamilk, 2022).

No argumento anterior, o participante (#S2) expressa a opinião de que "não é apropriado incluir a linguagem neutra de gênero em um currículo escolar, por diversas razões, sendo a primeira delas a falta de definição". Em consonância com Humboldt (1990-1991), a adição de conceitos auxiliares às palavras é atribuída à fragilidade na estrutura interna da língua ou ao esquecimento de sua verdadeira orientação. Contudo, ao mesmo tempo, esse fenômeno também sugere um esforço em conferir validade fonética às categorias de conceitos, evitando assim a confusão entre esse processo e a própria designação dos conceitos.

Posteriormente, #S2 continua seu discurso dizendo que:

Segundo lugar, nós temos uma linguagem que neste momento atende a pequenas necessidades de comunicação, por exemplo: usar um pronome, fazer uma flexão de adjetivo, sabe, pra esses propósitos, mas a linguagem é um sistema grande e complexo e, quando você muda uma coisa, você corre um risco de descarrilar um trem inteiro, certo? Então existe este outro aspecto. Agora é muito simples você fazer uma citação de dizer que não pode existir porque vai destruir a língua portuguesa. Mas não vai destruir, porque a língua é viva, e ela é mutável, certo? Agora qual é a grande questão sobre a linguagem neutra de gênero? — Ela é uma linguagem artificialmente construída. Como é que as línguas evoluem? Elas surgem? [...] Primeiro a mudança surge no âmbito da fala, ela surgiu primeiro, ninguém programou. Depois de muito tempo que ela está sendo falada, que ela tá sendo dita, que este registro está sendo aplicado, os analistas começam a olhar; nossa, tem alguma coisa que mudou na língua, vamos descobrir o que é. Descobriu-se o que é: beleza, vamos dar um nome pra isso. Deu-se o nome, agora a gente pode até incorporar no dicionário, na gramática, e é assim que funciona. Tudo isso demanda um bom tempo e regras próprias, a língua evolui por regras próprias (Jamilk, 2022).

No fragmento discursivo anterior, ao questionar: "qual é a grande questão sobre a linguagem neutra de gênero? — Ela é uma linguagem artificialmente construída", percebemos a intenção do indivíduo de destacar que a linguagem artificialmente construída é aquela que foi deliberadamente criada por um indivíduo ou por um grupo restrito de pessoas, diferenciando-se daquelas que se desenvolvem naturalmente pelo uso em uma comunidade linguística. Nesse contexto, o propósito subjacente sugere um esforço intencional na concepção dessa linguagem, visando objetivos linguísticos e/ou ideológicos.

Ao refletirmos à luz do pensamento de Humboldt (1990-1991), torna-se possível considerar que a língua, em suas diversas formas e criações, resultantes da interação entre influências externas e a ação do sentimento, sempre possui como referência um objetivo linguístico global. Nessa perspectiva, a objetividade e subjetividade convergem na construção de um mundo ideal, que não é totalmente interno nem totalmente externo, evidenciando assim a complexidade da relação entre a linguagem e a realidade.

Por conseguinte, #S2 segue seu raciocínio evidenciando que:

Todo mundo dá o exemplo de vossa mercê, que virou você mercê, vosmecê, que virou você e tudo mais... pois é, isso é um exemplo de uma coisa que virou metaplasmo. É uma transformação linguística, mas ela tem razões pra surgir, porque que você pode entender que o você veio de vossa mercê? Porque ele preserva determinados fonemas, determinadas acentuações, e é assim que as palavras mudam (Jamilk, 2022).

Ao evidenciar, por meio do exemplo de metaplasmo, que certas palavras, como "você" transformam-se linguisticamente, preservando fonemas específicos e determinadas acentuações, delinea-se a compreensão do sujeito sobre a transformação da linguagem. Este alinhamento de pensamento reflete a perspectiva de Humboldt (1990-1991), que postula que a linguagem está em constante evolução através dos atos de fala, regida por uma gramática plástica e mutável, aberta a transformações decorrentes da dinâmica das interações verbais.

Assim, o significado linguístico, enriquecido com clareza e precisão, traça seu próprio percurso durante a formação e as distintas qualidades que lhe são atribuídas. Consequentemente, sua clareza, resultante da indefinição interna, permeia toda a estrutura da língua, e as principais manifestações de sua eficácia emergem de forma integral, sem lacunas (Humboldt, 1990-1991).

#S2 argumenta ainda que:

[...] Mas qual é a proposta da linguagem neutra? Ela altera algumas categorias dentro da língua que são categorias de inventário fechado, por exemplo, o artigo não existe mais do que um artigo, você tem o artigo “o” ou o artigo “a”, você não tem o artigo “e” (Jamilk, 2022).

#S2 observa que existem "algumas categorias dentro da língua que são categorias de inventário fechado, por exemplo, o artigo". Diante disso, Humboldt (1990-1991) propõe que o elemento, que não é meramente simbólico ou indicativo, mas verdadeiramente designativo, perde sua essência quando é demandado pela necessidade da linguagem devido ao seu funcionamento conjunto. Nesse contexto, não se concebe uma substância independente sob esses últimos, mas sim, uma das relações nas quais o conceito fundamental do verbo conjugado deve necessariamente se manifestar.

#S2 prossegue sua análise mostrando que:

[...] Você não pode inverter o artigo “e” porque você vai fazer as pessoas se confundirem, quando vai ser artigo “e” e quando vai ser a conjunção “e”? Só que nós estamos falando até agora de indivíduos neurotípicos, ou seja, ninguém tem nenhum problema cognitivo, mas nós temos que pensar que ainda existem pessoas cegas que precisam da linguagem, nós temos que pensar em pessoas que são disléxicas e que não conseguem processar a linguagem escrita que pessoas neurotípicas e nos autistas (Jamilk, 2022).

Na explicação anterior, #S2 menciona a preocupação de "inverter o artigo 'e'", argumentando que isso pode gerar confusão entre o uso do artigo "e" e da conjunção "e" em relação a indivíduos neurotípicos. Nesse contexto, Humboldt (1990-1991) destaca que uma língua não pretende prescindir das indicações gramaticais, mas, ao mesmo tempo, não consegue produzi-las de forma pura; pelo contrário, as altera em sua essência intrínseca. A linguagem, verdadeiramente um ser vivo em sua totalidade, abrange certos domínios vinculados ao domínio do espírito, como a sintaxe e o estilo, que podem ser reduzidos ao espírito das transformações que obedecem a leis específicas.

Destarte, ainda para #S2:

Qualquer mudança a depender do grau que a pessoa tenha, qualquer mudança em uma coisa que seja rotineira para o autista pode desencadear nele uma crise de estereotípiia, porque sai daquilo que é regular é comum

[...]. A questão técnica é que há uma grande dificuldade em as pessoas entenderem que o português possui neutro e feminino. A outra dificuldade das pessoas entenderem que as palavras têm um gênero das palavras e não das pessoas [...] (Jamilk, 2022).

Não há uma linguagem substantiva, mas sim o ato linguístico, o ato de fala, que constantemente incorpora elementos novos, desencadeando transformações. Nesse contexto, algumas gramáticas talvez estejam mais sensíveis a esse fenômeno. Como resultado, a linguagem seletiva emprega meios eficazes na formação da unidade da palavra. Essas abordagens visam conferir às palavras uma forma externa que as define e as separa umas das outras, baseando-se numa coesão sólida das sílabas internas, enquanto diferencia a fixação da composição na realidade quando estimuladas (Humboldt, 1990-1991).

No terceiro trecho analisado, o(a) interlocutor(a) (#S3) expõe argumentos sobre a necessidade e importância de incluir a linguagem neutra na comunicação informal. Isso não implica necessariamente uma alteração na estrutura gramatical, mas sim a evocação do uso de pronomes neutros já presentes na língua portuguesa. Para #S3:

As palavras carregam consigo histórias de transformações sociais e essas alterações da realidade provocam alterações da linguagem. Mas é também importante saber que alterações da linguagem podem propor alterações da realidade, pensar uma linguagem neutra e acompanhar o caminhar dos tempos (Tempero Drag).

O trecho reflete a perspectiva humboldtiana ao destacar a interdependência entre linguagem e realidade. Ele enfatiza que as palavras carregam as histórias das transformações sociais, indicando uma dinâmica constante e recíproca entre a evolução da linguagem e as mudanças na sociedade. Além disso, a menção à importância de uma linguagem neutra sugere uma consciência sobre o papel ativo da linguagem na formação de atitudes e perspectivas sociais, alinhando-se ao pensamento de Humboldt.

No próximo recorte, #S3 aborda a percepção do racismo estrutural e estruturante, vinculando essa conscientização à necessidade de escolhas linguísticas transformadoras. #S3 destaca a reflexão sobre a existência de violência de gênero e o apagamento de identidades. Ainda para #S3, essas percepções podem induzir mudanças estruturais nos sistemas linguísticos, especialmente no contexto da língua portuguesa.

Perceber a existência do racismo estrutural e estruturante acarreta uma nova escolha linguística, uma transformação na língua. Perceber, portanto, que a gente vive numa sociedade onde existe violência de gênero, onde existe violência contra pessoas LGBT, onde existe o apagamento das nossas identidades. Pode nos propor uma mudança estrutural nos sistemas linguísticos? Então, o português é uma língua que encontra no gênero neutro o gênero masculino. Quando a gente se dirige a grupos, a gente normalmente se dirige no masculino, né? Então, os alunos é um grupo misto. E os presentes? Quando a gente fala, meus amigos e às vezes é um grupo com mulheres e atenção, e o português não faz isso porque essa é a forma com a qual os falantes de português desculpam a realidade. O português faz isso porque existe uma trajetória histórica da língua quando ela deriva do latim. [...] Então a gente vive sociedades onde homens normalmente ocupam posições de poder, onde homens ocupam posições de mais valor, são mais valorizados (Tempero Drag).

Do exposto, vemos que a perspectiva linguística de Humboldt sugere que a língua é um reflexo da experiência coletiva e está intrinsecamente ligada à sociedade que a utiliza. Diante da análise do trecho, observamos a relação entre a linguagem e as estruturas sociais, onde o português, por exemplo, é apontado como refletindo a realidade de uma trajetória histórica que, por vezes, perpetua desigualdades.

Humboldt argumentaria que, ao reconhecer o racismo e a violência de gênero, a reflexão sobre a linguagem torna-se crucial. A crítica à utilização do gênero masculino como padrão demonstra como a língua pode refletir e até mesmo perpetuar hierarquias de poder. A questão crucial que emerge é se essa percepção consciente pode, de fato, catalisar uma mudança estrutural nos sistemas linguísticos, alinhando-se com a visão humboldtiana de uma língua dinâmica e mutável em sintonia com a evolução social.

No último recorte de fala, #S3 destaca que:

Faz algum tempo que a gente vem lutando pela implementação. Passam de uma linguagem neutra. A gente não opta pela inclusão de X porque os aplicativos que leem textos para, por exemplo, pessoas com deficiência visual, eles não conseguem ler palavras com X. Pessoas que têm algum tipo de configuração de atenção diferente não conseguem ler o texto, tem dificuldade de encontrar a palavra com aquele X de significá-la. E também o arroba se encaixa na mesma coisa. Uma linguagem inclusiva, uma linguagem neutra faz a opção por e. Então, por exemplo, quando eu tenho diretor ou diretora, não existe diretor e você pode escrever diretor, mas você pode optar por dirigente, que é gênero neutro. Aluno Aluna Você pode optar

por aluno com esse gênero neutro. Ou você pode falar estudante que já existe na língua e já é neutro com ele (Tempero Drag).

No trecho analisado, a busca por uma linguagem neutra é apresentada como uma luta pela implementação de uma linguagem inclusiva, fundamentada na consideração de necessidades diversas, como acessibilidade para pessoas com deficiência visual. A proposta de termos neutros, como "dirigente" e "estudante", reflete a conscientização da linguagem como uma ferramenta moldável capaz de refletir e promover transformações sociais, alinhando-se à perspectiva humboldtiana da língua como uma entidade viva que evolui em resposta às mudanças na sociedade.

Com base nas narrativas dos participantes, podemos concluir a análise dos dados observando diferentes perspectivas. #S1 destaca a importância da diversidade linguística e expressa resistência à mudança artificial na língua. #S2 enfatiza a complexidade do sistema linguístico, mostrando resistência à inclusão no ensino formal. Por sua vez, #S3 busca uma linguagem neutra como uma luta pela inclusão, considerando diversas necessidades e alinhando-se à visão da língua como reflexo da experiência coletiva. Assim, emerge a paradoxalidade do tema, indicando a dualidade entre a valorização da evolução natural da língua e a necessidade de transformações intencionais para promover equidade e reconhecimento das diversidades existentes.

CONCLUSÃO

Acerca da pergunta central desta pesquisa, diagnosticamos haver uma dicotomia na viabilidade do emprego de pronomes neutros, notadamente devido à ausência de uma definição normativa clara. Algumas narrativas dos participantes desta pesquisa apontam para a ocorrência de confusões, especialmente entre indivíduos com deficiências cognitivas, enquanto outras investigações sugerem que tal impacto carece de mensuração ou evidência científica.

Do ponto de vista filosófico, essa dicotomia pode ser interpretada como um indício do princípio da explosão, onde diferentes perspectivas e interpretações emergem, destacando a complexidade e diversidade de opiniões em relação à linguagem neutra. No entanto, é

crucial salientar que nosso propósito consistiu em compreender e divulgar (e não de validar), a partir de um recorte amostral, como a relação entre esses fenômenos se configura na perspectiva humboldtiana.

Acerca do objetivo de pesquisa proposto, ao considerarmos a resistência demonstrada por alguns participantes, em relação à inserção gramatical de pronomes neutros, emerge a partir desta investigação a emergente necessidade de adequação e normatização dessas formas linguísticas. Como também, a necessidade de discutir as práticas linguísticas cotidianas e orais como agentes de transformação da língua, especialmente diante do aumento do uso de pronomes neutros nos ciberespaços, que se confluem constantemente pelo surgimento de novos termos e expressões. Isso se reverbera no crescimento de reflexões acadêmicas sobre a necessidade de uso de linguagens mais inclusivas.

Nesse aspecto, destacamos que a linguagem neutra está em desenvolvimento, e estratégias sociopolíticas podem ser implementadas para tornar sua utilização mais acessível a pessoas com deficiências cognitivas, como o emprego de recursos visuais ou auditivos. No entanto, é imperativo ressaltar a necessidade de mais pesquisas para elucidar o verdadeiro impacto da linguagem neutra na compreensão de indivíduos com deficiências cognitivas.

Acreditamos ser imperativo prosseguir com estudos interseccionais que investiguem as normas de utilização de pronomes neutros em diversos contextos de escrita e oralidade da comunicação social brasileira. A disseminação constante dessas práticas, particularmente nos espaços formativos dos sujeitos (através dos movimentos sociais e intervenções dos poderes políticos e legislativos), desempenha um papel crucial na promoção da representatividade, reafirmação identitária, inclusão social e garantia dos direitos humanos. Assim, as práticas linguísticas contemporâneas exercem um papel vital na evolução da língua, e a compreensão desses processos é essencial para uma comunicação mais inclusiva e consciente das diversas formas de expressão existentes.

REFERÊNCIAS

- BORGES, N. A verdade sobre a linguagem neutra - professor Noslen. 6 nov. 2021. *In: Cortes de inteligência*. YouTube, Vídeo (ca. 9:05). Disponível em: < <https://youtu.be/k3E1ExBEnNY> >. Acesso em: 02 jun. 2022.
- BORRILLO, Daniel. **História e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BUTLER, J. **Undoing gender**. New York and London: Routledge, 2004.
- _____. **J. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CARVALHO, D. S. **Gênero e língua: entre a gramática e o social**. Roseta, p. 1-3, 2018.
- CARVALHO, D. ; SILVA, I. J. *Êla é muito cobiçado: um pronome neutro que não o é*. *In: Colóquio do Museu Pedagógico*, v. 13, n. 1, p. 1079-1083, 2019.
- CHOMSKY, N. **Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use**. New York: Praeger, 1986.
- COVAS, F. S. N.; BERGAMINI, L. M. Análise crítica da linguagem neutra como instrumento de reconhecimento de direitos das pessoas LGBTQIA+ / Critical analysis of neutral language as an instrument for the recognition of the LGBT'S rights. *In: Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 7, n. 6, p. 54892–54913, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n6-067. Disponível em: < <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/30768> >. Acesso em: 21 jan. 2024.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade – a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 20. reimp. Rio de Janeiro, Graal, 1988. V.1.
- GRUPO DE PESQUISA ORGANIZAÇÃO E PRÁXIS LIBERTADORA. Organização e Práxis Libertadora. *In: Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade (FAROL)*, v. 1, n. 1, 2014.
- HUMBOLDT, W. **Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad**. Traducción Ana Agud. Barcelona: Editorial Anthropos, 1990.

_____, W. **Escritos sobre el lenguaje**. Trad. Andrés S. Pascual. Barcelona: Ediciones Península, 1991.

JAMILK, P. Professor Phd em Letras opina sobre a linguagem neutra. 9 mar. 2022. In: YouTube. **Cortes do Prosa Guiada**. Vídeo (ca. 20:38). Disponível em: <https://youtu.be/ffqbn47KCwE>. Acesso em: 2 jun. 2022.

JOURDAIN, P. EB. Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716). In: **The Monist**, v. 26, n. 4, p. 481-485, 1916.

LAU, H. D. A (des)informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade. In: **Temática**, v. 11, n. 2, p. 90-101, fev. 2015. Disponível em: <https://goo.gl/6iMHGm>. Acesso em: 30 jun. 2022.

LAU, H. D.; SANCHES, G. J. A linguagem não-binária na língua portuguesa: possibilidades e reflexões making herstory. In: **Revista X**, v. 14, n. 4, p. 87-106, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/80492>. Acesso em: 30 jun. 2022.

LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo et al. Superando o binarismo de gênero: em direção ao reconhecimento civil de pessoas intersexo. In: **Revista Culturas Jurídicas**, v. 7, n. 18, 2020.

MAGALHÃES, É. H. S.; CARDOSO, F. O. F.; PÔRTO, B. C. F. Reflexões formais e sociodiscursivas: a linguagem não-binária no português brasileiro sob a ótica dos estudos linguísticos. In: **Mosaico**, v. 20, n. 1, 2022.

PACHECO, B.; BARBOZA, Á. H. F.; MEIRA, C. S. Por uma linguagem não binária: algumas reflexões sobre o ensino de gramática na sala de aula. In: **Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**, v. 8, n. 9, p. 1-12, 2021.

SILVA, F. S. S.; CARVALHO, L. P.; SANTOS, G. F. Da gramática normativa à linguística popular militante. In: **Porto das Letras**, v. 7, n. 4, p. 141-159, 7 nov. 2021.

SCHLEGEL, K. W. F. von. **Über die Sprache und Weisheit der Indier**: ein Beitrag zur Begründung der Alterthumskunde. Heidelberg: Mohr & Zimmer, 1808.

SEGATTO, A. I. Sobre pensamento e linguagem Wilhelm Von Humboldt. In: **Trans/form/ação**, v. 32, p. 193-198, 2009.

TEMPERO DRAG. Linguagem neutra. 07 jun. 2020. In: YouTube. In: @ellenbrasil. Youtube, Vídeo (ca. 15:09). Disponível em: <https://youtu.be/WAzsxxMMIIM?si=j0gSyWUImMSRKSyX>. Acesso em: 21 jan. 2024.

Recebido em: 09/08/2024 / Aprovado em: 06/10/2024